

A importância do contato e uso de métodos diversos de análise de fontes como recurso didático para estudantes de Licenciatura em Ciências Humanas

Felipe Augusto de Camargo Pêgo ¹

Daniel Mendes Gomes ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir acerca da importância didático-pedagógica do contato inicial com formas diversas de ensino de História e Geografia, baseado no uso de diferentes formas de análise de fontes como recurso didático. O trabalho busca enfatizar os resultados já descritos em diferentes artigos e na literatura sobre História Cultural, e nas experiências vividas na disciplina de História Cultural, ministrada no segundo quadrimestre de 2023, na Universidade Federal do ABC, onde parte do processo avaliativo consistiu-se na construção de uma análise cinematográfica, de obra de escolha dos estudantes, com base no modelo de "Roteiros de Análise", onde categorias interdisciplinares podiam ser trabalhadas, desde uma pesquisa detalhada da ficha técnica, passando pelas possíveis inspirações para o roteiro, até uma contextualização histórica da produção, buscando elementos presentes na obra, fossem eles a escolha de planos e fotografia, trilha sonora, a presença ou ausência de um tema, contexto ou discussão no roteiro.

Como um dos objetivos da discussão sobre esse tema, está também a possibilidade de reformular e expandir o modelo de "Roteiros de Análise", para outras disciplinas da área de humanidades, como a Geografia, abarcando inclusive mídias outras que não apenas o cinema. Ademais essa proposta leva em conta ideias trazidas por autores da Escola dos Annales, como Marc Bloch e Lucien Febvre, que passam a pensar a importância da inclusão de novas fontes para a pesquisa historiográfica, assim como a problematização da ideia de uma história oficial, pelos conceitos de Roger Chartier acerca da ideia de representação, bem como discussões mais contemporâneas acerca do papel do historiador e das aproximações possíveis entre história e cinema, e história e literatura, trazidas respectivamente por autores como Yvone Avelino e Marcelo Flório, e pela professora Sandra Jatahy Pesavento.

¹Graduando do Curso Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal do ABC- UFABC, camargo.felipe@aluno.ufabc.edu.br

²Professor do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) da Universidade Federal do ABC - UFABC, mendes.gomes@ufabc.edu.br

REFERENCIAL TEÓRICO

É a partir da obra de Roger Chartier (1991) que é construído o plano teórico que fundamenta a importância do contato e uso de métodos diversos de análise de fontes como recurso didático. Em seu texto de 1991 chamado “O Mundo como representação” Chartier inicia pontuando o editorial de 1988 dos *Annales* que indiciava uma possível “crise geral das ciências sociais” diante da mudança de paradigma econômico-social marcado pelo fim da “Guerra Fria” e o desgaste de certas teorias, como o estruturalismo e o marxismo, outrora vigorosamente estudadas e utilizadas a fim de dar conta de traçar interpretações acerca da realidade social. Ainda sobre esse editorial, Chartier também destaca que, se por um lado chama atenção para o descrito anteriormente, por outro ele não afirma que a ciência histórica estaria imersa a essa crise, mas sim que ainda seria dotada de certa vitalidade, e que, no entanto, estaria atravessada por incertezas devido ao esgotamento teórico de suas alianças tradicionalmente firmadas, sobretudo com a geografia, a etnologia e a sociologia. Roger Chartier então ressalta que um desafio havia sido lançado, e que agora, na iminência de certezas metodológicas pouco seguras à vista das novas exigências teóricas desse novo momento que se avizinhava, a ciência histórica haveria de deparar-se com novos objetos de estudo e outras fontes de análise. Sobre isso Chartier aponta que:

Ao propor objetos de estudo, mantidos até então inteiramente estranhos a uma história dedicada por completo à exploração do econômico e do social, ao propor normas de cientificidade e modos de trabalho imitados das ciências exatas (por exemplo a formalização e a modelização, a explicação das hipóteses, a pesquisa em grupo), as ciências sociais minavam a posição dominante ocupada pela história no campo universitário. A importação de novos princípios de legitimação no domínio das disciplinas “literárias” desqualificava o empirismo histórico, ao mesmo tempo que visava a converter a fragilidade institucional das novas disciplinas em hegemonia intelectual (Chartier, 1991, p.174)

Chartier (1991) não concorda precisamente com essa afirmação trazida pelos *Annales* acerca de uma possível crise nas ciências sociais e os possíveis desdobramentos ocasionados por isso à História, porém ele relaciona as verdadeiras mutações no modo

de produzir historiográfico a uma renúncia e distanciamento tomado nas próprias práticas de pesquisa, em relação aos princípios comuns entre os historiadores e que entre estes a renúncia ao “ primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais” é que teria possibilitado uma abertura maior a pensar “outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados” (Chartier, 1991).

É acerca dessa nova abertura trazida ao campo da historiografia que ganham forma visões como a da historiadora cultural Sandra Jatahy Pesavento, que entende que a História é a narrativa do que aconteceu, mas não que é mimesis, ou seja, não é a exata reprodução do fato acontecido, mas sim uma reconstrução ficcional feita a partir de fragmentos e que busca ser a tradução de uma alteridade no tempo, o que implica recriar formas de representar o mundo que não são mais as nossas, e que obedecem a outras razões e sentimentos (Pesavento, 2003). e onde as estratégias ficcionais do historiador estariam presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos (Pesavento, 2003). Pesavento assim procura pensar nas aproximações possíveis entre a História e a Literatura, e como a análise de obras literárias, dialogando principalmente com o conceito de Roger Chartier sobre o *presente da escrita* (Chartier, 1991), pode acessar essas temporalidades e sensibilidades de um tempo que não é o nosso, traçando dessa forma um caminho qual a literatura é uma aliada na construção do conhecimento e método historiográfico.

Para além das fontes escritas, diante dessa nova abertura a novos objetos de estudo e análise, deve-se também prestar atenção no campo imagético, sobretudo no atual momento onde a vasta profusão informacional e do uso de diversos meios tecnológicos de comunicação e informação, principalmente as telas disponíveis a todo o tempo, faz-nos viver um período em que o “presente é percebido de tal forma como se não existisse o passado” (Claro, 2017). Cabe assim repensar como a produção de narrativas históricas podem incorporar essas novas fontes de informação. Uma das formas mais trabalhadas nesse sentido é justamente o cinema. Para discutir as intersecções possíveis entre as novas metodologias de análise de fontes e os recursos pedagógicos buscamos o trabalho de Yvone Avelino e Marcelo Flório, no artigo “História Cultural: o cinema como representação da vida cotidiana e suas interpretações.” onde os autores nos evidenciam que:

O filme pode representar as contestações sociais, de modo a fazer aflorar o “latente por trás do aparente” e o “não-visível através do visível”, isto é, os silêncios de sujeitos sociais que muitas vezes não conseguiram imprimir suas falas em documentações escritas e que podem ser capturadas pelo imagético. (Avelino e Flório, 2013)

Durante o texto os autores Avelino e Flório retomam o pensamento do historiador Marc Ferro em que citam a compreensão da análise cinematográfica como a possibilidade do resgate da historicidade de relações sociais e práticas culturais caso a análise interpretativa referente às intencionalidades do cineasta, isto é, suas representações da realidade (Avelino e Flório, 2013). É sobre essa égide que novas formas de trabalho com recursos didáticos podem ganhar espaço. A professora Silene Ferreira Claro em seu artigo “Sociedade, Educação e Cinema: Uma reflexão sobre o ensino de história” traz a nós o entendimento essencial de que um historiador é também um professor e este, também é historiador, e que é justamente a atuação do professor-pesquisador em sala de aula que pode permitir a utilização da análise cinematográfica de forma didático pedagógica, afinal permite que os filmes utilizados :

sejam compreendidos como uma representação daquela sociedade de um determinado passado e que tal representação é um discurso possível, dentre tantos outros que as fontes históricas podem permitir, dependendo do problema, e da pergunta que a ela se faz. (Claro, 2017, p.6)

A professora Silene Ferreira Claro também reforça que, em exercícios de reflexão e análise, tais como esse, populações que estiveram excluídas do exercício da cidadania e autodeterminação, podem encontrar voz, através do trabalho de historiadores interessados em entender os arranjos políticos, econômicos e sociais de nossas relações atuais, tendo como ferramentas as novas metodologias e novas abordagens como das representações, ou uso de fontes orais. (Claro, 2017). Em seu artigo Claro também trata de estabelecer uma metodologia que pode vir a ser aplicada em classe, baseada em “Roteiros de Análise” onde, para todos os filmes a que propor-se assistir com os estudantes, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, é preparado um roteiro de análise do filme, que serve tanto de orientação para as discussões quanto para orientação dos alunos para realizarem a análise das representações do passado nas obras assistidas.

METODOLOGIAS

Neste texto, resolve-se trazer um relato de experiência de um trabalho desenvolvido com estudantes da licenciatura envolvendo “Roteiros de Análise” cinematográfica. O evento em questão ocorreu durante a disciplina de História Cultural lecionada no período de 2023.2 na Universidade Federal do ABC para o curso de Licenciatura em Ciências Humanas, e que teve como um de seus métodos de avaliação a análise de uma obra cinematográfica, para auxiliar a pensar elementos e conceitos da História Cultural. Essa metodologia, baseada no modelo de roteiros, permitiu aos discentes construir, ao fim da disciplina, uma produção escrita crítica e interdisciplinar, relacionando diferentes temáticas e pensando o filme como uma fonte capaz de promover a percepção de certas historicidades, das relações sociais e das práticas culturais.

Além disso, durante a disciplina foram realizadas leituras e discussões de textos teóricos, junto também de exibições de peças cinematográficas previamente escolhidas pela docente, ao que se seguiram de rodas de conversa tendo como base os “Roteiros de Análise” onde entre os tópicos principais estavam: a ficha técnica, comentários e críticas, contextualização histórico-geográfica, assim como referências de outros diretores e obras relacionadas. Dessa forma as discussões partiram tanto de aspectos objetivos como o contexto histórico, quanto de outros subjetivos, como a observação dos planos, cores, luz e sombra, de maneira a entender e perceber melhor das intencionalidades e também de aspectos sócio-culturais da época onde cada produção se passa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado dessas discussões, cada discente escolheu e analisou uma obra cinematográfica de seu interesse, tendo como aspectos norteadores os mesmos tópicos trazidos previamente nos roteiros. Assim, foram produzidos diferentes textos analíticos que conseguiam interrelacionar desde a contextualização, como também as intenções do diretor, como aquela produção repercutiu no ano de seu lançamento, quais referências do imaginário cultural estão presentes no roteiro, nas atuações, nas escolhas de locações e cenários, por exemplo. Isso foi capaz de introduzir e apresentar aos estudantes formas outras de trabalhar com fontes históricas, partindo de novas noções onde não hierarquiza-se a origem das fontes, mas sim pensa-se nas diferentes temporalidades

constituídas através delas. Como um ponto de reflexão trazido durante as aulas está como trabalhar, não só o cinema, mas também a literatura, imagem, poesia e música, retomando os mesmos pontos de investigação histórica que foram trabalhados ao pensar sobre os filmes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso momento contemporâneo vivemos imersos em certo “presenteísmo” que nos distancia de uma relação outra com o tempo, onde o processo de globalização econômica tem levado à homogeneização das culturas (Claro, 2017), e que tem nos colocado numa posição de perda de nossos aspectos culturais particulares e de identidade, faz-se premente a formação de docentes capazes de lidar com esses novos tempos.

Em síntese a experiência na disciplina serve como um fio condutor para repensar a forma que o uso de diferentes metodologias, como a análise de mídias em sala de aula, pode não só entregar um protagonismo aos estudantes mas como também encoraja os discentes em formação dos Cursos de Licenciatura a também produzir e construir suas próprias metodologias em sala de aula, bem como refletir sobre sua aplicabilidade e a eficácia quando trata-se da qualidade do aprendizado. A experiência de arguição de fontes na construção de uma ciência histórica na atualidade certamente passa pela capacidade de integrar-se aos diferentes tipos de mídia que surgem e podem servir de base para aprimoramento das relações traçadas entre aluno e professor em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de história, ensino de geografia, recurso didático, fontes, análise.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Yvone; FLÓRIO, Marcelo. **História Cultural: o cinema como representação da vida cotidiana e suas interpretações**. Projeto História, São Paulo, n. 48, Dez. 2013

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados, v. 5, p. 173-191, 1991.

CLARO, Silene Ferreira. **Sociedade, Educação e Cinema**. Revista Acadêmica Integra/Ação, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 221-236, jun 2017. ISSN 2594-4878. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/533>. Acesso em: 12 aug. 2024. doi: <https://doi.org/10.22287/integraacao.v1i1.533>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPeL, n14, p. 31-45, set. 2003.